

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE LETRAS

MEMORIAL

Para o Concurso de Professor Titular do Magistério Superior

Área de Estudos Linguísticos

de

ROSANE SANTOS MAURO MONNERAT

Abril de 2015

AGRADECIMENTO

À minha filha Ana Luiza (Luli), pelo suporte emocional e técnico

A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem.

Patrick Charaudeau

SUMÁRIO

1. Apresentação	5
2. Formação e títulos	6
2.1 A escolha pela profissão	6
2.2 Graduação em Letras – Português / Inglês	8
2.3 Pós-Graduação em Letras – Mestrado	9
2.4 Pós-Graduação em Língua Portuguesa – Doutorado	11
2.5 Pós-Doutorado	13
3. Carreira Docente / Atuação Profissional	16
3.1 Graduação	16
3.2 Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> – Especialização em Língua Portuguesa	18
3.3 Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> – Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem.	18
3.4 Ensino à Distância – Graduação: Licenciatura em Português / Literaturas, UFF / Consórcio CEDERJ	21
4. Atividades de Pesquisa / Projetos	23
4.1 Projetos de pesquisa individuais	23
4.2 Pesquisas em grupos	31
5. Atividades de Orientação e Participação em Bancas	35
6. Produção Científica	37
7. Participação em Eventos	45
8. Considerações Finais	46
9. Anexos	48
9.1 Documentos mencionados no Memorial (A1 a A36)	48
9.2 Currículo Resumido 2015	

1. Apresentação

“Memorial” tem a ver com “memória”, lembrança e, para lembrar os fatos da minha vida, é preciso, antes, que me apresente.

Rosane Santos Mauro – esse é o meu nome de solteira. Nasci no dia 12 de agosto de 1949, em Niterói e, em casa, como costumava acontecer à época. Meu pai era médico e montava um verdadeiro “hospital” para o nascimento dos filhos – assim foi com meu irmão e com minha irmã. Eu sou a filha caçula de Giuseppe Mauro e de Edyla Lamego dos Santos Mauro.

Tive uma infância muito feliz, cercada de muito carinho, no seio da família – a minha avó materna, que fazia aniversário no mesmo dia em que eu, sempre morou conosco, ajudando a minha mãe nas tarefas da casa e nos cuidados com os filhos. A adolescência também foi bastante tranquila e transcorreu de acordo com os padrões e costumes vigentes na época, com direito a baile de 15 anos no Clube Regatas Icaraí.

Com 23 anos, casei-me com José de Anchieta Erthal Monnerat e incorporei o “Monnerat” ao meu nome. Estamos, portanto, casados há 42 anos. Temos dois filhos – Pedro e Ana Luiza – e uma netinha, a Valentina, de dois anos, filha de Pedro. Agradeço sempre ao meu marido o apoio e incentivo ao meu trabalho, pois, se assim não fosse, não sei se teria conseguido fazer mestrado, doutorado e pós-doutorado, desdobrando-me para conciliar trabalho e família.

Traçarei, a seguir, a minha trajetória como estudante e, na sequência, como professora e pesquisadora.

2. Formação e títulos

O memorial, como comentário sobre nossa trajetória acadêmica, torna-se, em princípio, peculiar porque passa a ser uma fotografia concreta de nossas escolhas no caminho trilhado e, no caso deste concurso, vai revelar o perfil acadêmico de cada professor ao longo de sua história profissional.

Ao final desse memorial, complementando-o, apresento um Currículo Resumido (optei por não ativar o Currículo Lattes) com dados que considero importantes no mapeamento da minha trajetória, alguns deles sem a comprovação formalmente exigida, pois são de um tempo em que esses papéis não eram indispensáveis. Cabe ressaltar que não substitui o Relatório de Atividades Docentes – apresentado em uma pasta preta específica – com a documentação exigida para o concurso, devidamente catalogada e numerada.

2.1 A escolha pela profissão

Em meados de 1964, então, com quatorze anos e cursando o quarto ano ginásial do Colégio Nossa Senhora das Mercês, no bairro do Fonseca, em Niterói, tomei uma decisão que iria definir o curso da minha vida profissional: comuniquei a meus pais que não queria continuar no colégio das freiras, onde estudava desde o primário; pretendia fazer o curso Normal no Instituto de Educação.

Essa decisão surpreendeu a direção do Colégio das Mercês, pois eu tinha as médias mais altas das turmas da 4ª série ginásial (ganhei até um troféu, como prêmio por essas notas) e as freiras esperavam que eu fizesse lá a Escola Normal.

Desde muito jovem, fui movida a desafios e o dessa época era a “Nomeação Prêmio” que o Instituto de Educação de Niterói oferecia às melhores alunas do Curso Normal. Explicando melhor, a melhor aluna nos três anos de curso já saía da escola com uma nomeação no magistério estadual.

Fiz as provas de ingresso para o Curso Normal do IEN (prova de conteúdo e uma prova de avaliação psicológica). Eram poucas vagas para muitas candidatas de fora, pois as alunas que já eram do Instituto tinham a vaga garantida. Fui bem classificada e entrei para o Instituto de Educação de

Niterói. À época, o sonho de muitas meninas – inclusive o meu – era ser professora. Com que júbilo eu acrescentava, a cada um dos três anos do curso, mais uma estrela à gola branca, emoldurada pela gravata, do tradicional uniforme de normalista.

Fui classificada como a melhor aluna das três turmas (cf. Anexo1), durante todo o curso, o que me garantiu o prêmio de carregar a bandeira do Brasil na parada de 7 de setembro daquele ano, 1967, o último do curso.

Logo depois, porém, veio a decepção: o governo extinguiu a Nomeação Prêmio e, em 1968, para concretizar o meu sonho de ser professora, tive de fazer o Concurso Estadual de Ingresso ao Magistério. Fui muito bem classificada e, por isso, tive a possibilidade de escolher vaga em meu próprio município – Niterói.

Meu pai não permitiu que eu assumisse essa vaga, pois considerava que a escola ficava em local perigoso. Escolhi, então, outra vaga no município vizinho – São Gonçalo – no Grupo Escolar Padre Manuel da Nóbrega, onde iniciei a minha carreira no magistério, como alfabetizadora. Nessa escola, atuei também nas demais séries do Ensino Fundamental, da primeira à quinta série.

Na década de 1970, após meu casamento, em 1973, consegui transferência para o município de Niterói, onde lecionei, em 1975, no Grupo Escolar Joaquim Távora, em Icaraí. A partir de 1976, fui transferida para a Escola Estadual Guilherme Briggs, também em Niterói, no bairro de Santa Rosa, onde permaneci até 1994, lá atuando como professora de Língua Portuguesa no segundo segmento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) e nas três séries do Ensino Médio e do Curso de Formação de Professores (antigo Curso Normal).

Em 1982, fiz novo concurso para o Estado e, sendo novamente muito bem classificada, consegui acumular a segunda matrícula na mesma escola. Desenvolvi, nessa segunda matrícula, um bom trabalho, implantando, inclusive, a “Oficina Literária” na escola (cf. Anexos 2 e 3). Não permaneci muito tempo com essa acumulação, pois já tinha planos de me dedicar à carreira universitária. Pedi, então, exoneração dessa segunda matrícula em 1986 (cf. Anexo 4).

Nessa trajetória, as décadas de 1970, 1980 e 1990 foram fundamentais na minha formação profissional e, conseqüentemente, acadêmica.

É a esse período que me reportarei, na sequência.

2.2 Graduação em Letras – Português / Inglês

Como professora estadual do Ensino Fundamental (ainda no 1º ciclo), tinha de lecionar todas as matérias, mas as aulas de Língua Portuguesa, sem dúvida, eram, de longe, as minhas preferidas. Aliás, desde os anos de Ginásio, no Colégio Nossa Senhora das Mercês, Português era a minha matéria predileta. O gosto pela disciplina foi despertado e estimulado pelas excelentes aulas da competente Professora Celeste Gomes da Silva Paes Leme, minha professora de Português nos quatro anos do curso ginásial.

Sempre interessada pela língua portuguesa e já lecionando na rede estadual, decidi prosseguir meus estudos e, em 1971, prestei vestibular para o curso de Letras da Universidade Federal Fluminense. Lembro-me de que nunca havia estudado latim, que era uma das matérias cobradas no vestibular. Comprei uma gramática latina em um sebo e comecei a estudar a matéria sozinha. Esse estudo de latim marcou a minha preparação para o vestibular de tal forma que cheguei a pensar em seguir a Licenciatura Português / Latim. Como professora de português, ficava impressionada com as possibilidades de articulação de fatos linguísticos da gramática latina com os da história interna da língua portuguesa. Porém, como já tinha proficiência em inglês (desde menina estudei na Cultura Inglesa), acabei optando por me inscrever em Português / Inglês. Passei muito bem pelo vestibular e ingressei na universidade.

Fiz o meu curso em quatro anos, com facilidade, conforme atesta documento em anexo (cf. Anexo 5).

Lembro-me, ainda no primeiro ano de faculdade, das palavras do temido e respeitado professor Aloisio Manna, ao me entregar o resultado de minhas provas de Fonologia e de Morfologia: “Mocinha, continue assim, você tem futuro”.

A partir de 1974 – ano em que terminei a faculdade (cf. Anexos 6 e 7) - dediquei-me inteiramente ao magistério – o que sempre adorei fazer. Mas ao final dessa década, já sentia necessidade de algo mais, além de preparar e de dar aulas. Decidi, então, fazer o concurso para ingresso no Curso de Mestrado – Pós-Graduação em Letras da UFF, em 1979.

2.3 Pós-Graduação em Letras – Mestrado

No Mestrado, tive a oportunidade de ter como professores muitos expoentes dos Estudos Linguísticos no Brasil, como os professores Evanildo Bechara, Gladstone Chaves de Melo, Sílvio Elia, Rosalvo do Valle, Walmírio Macedo, Olmar Gutierrez da Silveira, Carlos Eduardo Falcão Uchoa.

Fiz dez cursos no Mestrado, com ótimo aproveitamento, conforme atesta o documento em anexo (A 8). A única nota abaixo de 9,0 (8,7) foi a do curso de Estilística, ministrado pelo Professor Gladstone Chaves de Melo. E foi exatamente esse fato que me impeliu a candidatar-me a ser orientada por ele na minha dissertação de mestrado. O renomado professor era temido pelos alunos pelo seu rigor e pela sua franqueza. Muito receosa de uma negativa, apresentei-me a ele e, timidamente, fiz o convite. Para minha grande satisfação, ele aceitou.

Realmente, o nível de exigência era altíssimo em relação às tarefas, leituras e prazos, além da obrigatoriedade de lhe entregar textos vazados no mais alto padrão de correção linguística. Mas o contato com o professor nos encontros de orientação foi-me revelando outro Professor Gladstone – exigente, sim, mas muito atencioso e dedicado. Hoje, agradeço todo esse empenho do professor, pois, se assim não fosse, talvez não tivesse terminado o curso. Explico por que: nos últimos meses de orientação – mais precisamente em dezembro de 1982 - fui procurá-lo, dizendo que gostaria de trancar o curso por um semestre (ou mais): minha filha acabara de nascer, em novembro, e eu já tinha um menino, com um ano e quatro meses; estava sem tempo para me dedicar como deveria à elaboração final da dissertação – a defesa estava prevista para abril de 1983. A resposta do professor me surpreendeu. Desconsiderando totalmente o que acabara de ouvir, ele me disse: “A senhora

me apronte o próximo capítulo para janeiro, até o dia 20, e ponto final”. Na hora, confesso que fiquei estupefata, mas acatei, humildemente, as observações do professor, que continuava falando, dando orientações sobre o que eu deveria ler etc., ainda que eu, nesse momento, já não conseguisse escutar o que ele dizia...

Esforcei-me, no entanto, o máximo que pude. Como procurá-lo sem cumprir a tarefa que me havia destinado? Segui as orientações recebidas e, em 26 de abril de 1983, consegui defender a minha dissertação de mestrado, intitulada: *Estudo estilístico e gramatical das variantes em Quincas Borba, de Machado de Assis*.

O tema dessa pesquisa me foi sugerido pelo próprio Professor Gladstone – era um trabalho que ele teria interesse em ter desenvolvido. Da minha banca participaram, além do orientador, os professores Silvio Elia e Rosalvo do Valle. A minha nota foi 9,5. Soube, mais tarde, que os dois professores deram a nota máxima e que a nota 9,5 foi fixada pelo orientador (cf. verso do Anexo 8).

Ao final da defesa, uma grande surpresa e alegria: quando a porta se abriu, lá estavam a minha mãe, meu pai e meu marido, com meus dois filhos pequeninos. Foi enorme a emoção.

Terminei, então, o Mestrado em abril de 1983 (cf. Anexo 9). No início desse ano, a Professora Maria Regina Kopschitz de Barros (chefe do Departamento de Linguística e Filologia do Instituto de Letras da UFF), que havia sido minha professora tanto no Instituto de Educação quanto na Graduação do Instituto de Letras da UFF, convidou-me a ser “Professora Visitante”, em regime de 20 horas.

Convite aceito, ingressei na UFF, como professora, em 1º de março de 1983 (cf. Anexo 10).

Desenvolverei melhor essa fase da minha carreira mais adiante, quando escrever sobre a minha atuação profissional.

As atribuições do trabalho – acumulava 20 horas de aulas na UFF com as turmas da Escola Estadual Guilherme Briggs – e as responsabilidades de família frearam um pouco o meu ímpeto pelo estudo. Mas, no início dos anos

de 1990, já sentia, novamente falta de algo mais, além da preparação das aulas e das atividades docentes.

Assim, candidatei-me a uma vaga no Doutorado em Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pedi alguns conselhos e orientação ao professor Evanildo Bechara, que me deu sugestões e me emprestou alguns livros de sua biblioteca particular. Elaborei um projeto sobre ordem das palavras no português contemporâneo. Fui aprovada em outubro de 1993. Eram cinco vagas e oito candidatos. Passamos apenas três.

2.4 Pós-Graduação em Língua Portuguesa – Doutorado

Comecei, então, o Doutorado em 1994. Vale ressaltar que, por falta de professores para preencher a extensa carga horária do setor de Língua Portuguesa da UFF, não consegui afastamento para cursar o Doutorado e, assim, iniciei essa nova etapa, trabalhando normalmente nos cursos de Graduação e na Pós-Graduação *lato sensu* – Especialização em Língua Portuguesa.

Os cursos que tive a oportunidade de fazer no Doutorado (cf. Anexo 11 e 11a – lista de disciplinas e cursos) contribuíram bastante para ampliar a minha visão sobre questões teóricas em diversos campos dos estudos linguísticos. Além disso, permitiram-me interagir com o corpo docente altamente qualificado da UFRJ, formado por professores do escopo de Edwaldo Cafezeiro, Cecília Mollica, Alzira Tavares de Macedo, Maria Eugenia L. Duarte, Aparecida Lino, Helênio Oliveira, Yonne Leite, dentre outros.

Solicitei a orientação, para a tese de doutorado, do professor Helênio Fonseca de Oliveira, que me acolheu como orientanda. A partir do 2º semestre de 1995, iniciei as leituras e o levantamento do *corpus* para a redação da tese, tendo prestado Exame de Qualificação em agosto de 1996.

Ocorreu, porém, nesse percurso, um fato que iria influenciar o meu pensamento teórico de maneira radical: foi-me apresentada, pelos professores Helênio Fonseca de Oliveira e Maria Aparecida Lino Pauliukonis, a teoria Semiolinguística de Análise do Discurso – corrente teórica desenvolvida, na França, por Patrick Charaudeau, seu fundador e principal expoente - e à

medida que me aprofundava nos estudos dessa teoria, ia descobrindo, com entusiasmo, que essa linha de pesquisa, por sua articulação natural entre o discurso e a língua, abria possibilidades de novas perspectivas para o ensino de Português, sobretudo, pelo aporte da *Grammaire du sens et de l'expression* (1992)¹, que, ao fazer a ponte entre as categorias linguísticas e as categorias discursivas, fornece subsídios para um estudo mais reflexivo da gramática, sob um viés semântico, para além do simplesmente descritivo. E foi assim que mudei o meu projeto inicial de pesquisa, elaborando outro, em consonância com os pressupostos teóricos da Semiologia.

Como disse anteriormente, a minha fluência em língua estrangeira era em inglês, mas, de repente, naquele momento da minha vida acadêmica, vi-me às voltas com uma infinidade de textos em francês que precisava “decifrar”. Na adolescência, tinha estudado, também, na Aliança Francesa, mas o que sabia de francês não era suficiente para me aprofundar nas leituras. Assim, retornei à Aliança Francesa para cursar, pelo menos, o ciclo básico, o que já me possibilitaria fazer as devidas leituras com mais facilidade e segurança (cf. Anexo 12). Situei-me, dessa forma, no mundo da Semiologia - abordagem de Análise do Discurso que relaciona fatores linguageiros, discursivos e situacionais.

Durante o curso de Doutorado, tive oportunidade de conhecer outras linhas de Análise do Discurso, mas torno a destacar que o que me seduziu na Semiologia, como professora de Português que sempre serei, foi não só a possibilidade de articulação dos estudos de língua e de discurso como também a de entrecruzamento entre vários domínios discursivos, como política, jornalismo, publicidade etc.

Escolhi o domínio da publicidade como suporte do *corpus* para aplicar a minha pesquisa por motivo que explico a seguir: à época, uma das minhas turmas de Graduação, na UFF, era externa ao curso de Letras, uma turma do curso de Comunicação Social - Publicidade. Essas aulas eram bastante produtivas, com alunos de ótimo nível de escolaridade. Como resultado dessas trocas interativas, interessei-me pelo estudo da publicidade, aprofundando-me

¹ Patrick Charaudeau. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

nesse campo de tal forma que dediquei o primeiro capítulo da tese a esse estudo, mas sob um viés peculiar – articulado à visão da Semiologia.

Defendi a tese, intitulada: *Uma leitura semiológica dos conectores E e SE no texto publicitário*, no dia 28 de setembro de 1998. A tese foi avaliada pela banca como “excelente” (cf. Anexos 13 e 13a) e obtive o meu título de “Doutor em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa” (cf. Anexo 14).

A tese foi recomendada para publicação e, assim, o primeiro capítulo, sobre publicidade, originou um livro, enquanto a maioria dos outros transformou-se em artigos veiculados em periódicos internacionais e nacionais.

O livro saiu pela EdUFF, em 2003, após passar pelos respectivos crivos de avaliação (cf Anexo 15) , com o nome “A publicidade pelo avesso”, tendo sido apresentado e divulgado ao público na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, nesse mesmo ano. É um resultado concreto da pesquisa e do trabalho desenvolvidos no Doutorado. A obra tem tido bastante aceitação no meio acadêmico, circulando nos cursos de pós-graduação de várias instituições de ensino do Brasil. A esse propósito, destaco as palavras da professora Nelly Carvalho, da Universidade Federal de Pernambuco, que, mesmo sendo especialista no assunto (tem três livros publicados sobre publicidade – dois pela Editora Contexto e um pela Editora Universitária da UFPE) tem usado, com frequência, o meu livro em suas aulas na Pós –Graduação da UFPE (cf. Anexos 16 e 16a).

2.5 Pós-Doutorado

Após o doutorado, dediquei-me integralmente às atividades acadêmicas. Tendo sido credenciada na Pós-Graduação em Letras da UFF em 2000, passei a dar um curso a cada ano, conciliando esses horários com as minhas atividades nas turmas de Graduação. Sempre interessada em me atualizar, participei de vários congressos – nacionais e internacionais – e de minicursos, como atestam os documentos em anexo (A17 a A20). Porém isso não era suficiente, mais uma vez me via tomada por um “desassossego”, ao sentir falta de um aprofundamento maior em minhas pesquisas. Decidi, então, fazer o Pós-Doutorado.

Nessa fase, inicia-se mais um capítulo de minha vida acadêmica; encontrei-me diante de novos desafios. À época, a minha ligação com a Semiologia já era bastante forte, inclusive, pela atuação no grupo de pesquisa CIAD (Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso), em que ingressei durante o Doutorado e do qual sou vice-líder atualmente. Estava tudo encaminhado para que eu fosse fazer o Pós-Doutorado na Universidade de Paris XIII, sob a supervisão do professor Charaudeau, diretor do *CAD - Centre d'Analyse du Discours*. Ocorreram, no entanto, problemas de doença em minha família e não pude deixar o país. Trilhei, assim, outros caminhos.

Sempre procurei me atualizar, seja pela frequente participação em congressos – internacionais e nacionais – seja pela troca de experiência com os pares, via projetos integrados de pesquisa e publicações conjuntas. Já tinha estado em contato com a professora Ida Lucia Machado, da UFMG, líder do NAD (Núcleo de Análise do Discurso), também articulado ao CAD, de Paris XIII. Resolvi, então, procurá-la e convidá-la a supervisionar o meu estágio de Pós-Doutorado.

A professora aceitou a supervisão da minha pesquisa (cf. Anexo 21), que se realizou, então, de junho de 2006 a junho de 2007, novamente, sem afastamento de minhas atividades profissionais na UFF (cf. Anexo 22, segunda página). Deslocava-me, no início, uma vez por mês a Belo Horizonte, para encontrar-me com a professora Ida e para participar das atividades do NAD (cf. Anexo 23).

Procurando sempre articular a análise do discurso ao estudo de língua portuguesa, interessei-me, também, por tipos de *corpora* de pesquisa que pudessem fornecer material para aplicação em sala de aula. Recebi de herança de um tio muito querido – irmão de minha mãe – uma coleção de revistas antigas, publicadas entre os anos de 1900 a 1959 – a *Revista da Semana*, uma espécie de revista “Veja” da época (cf. Anexo 24).

Procurei, assim, com o suporte teórico da Semiologia, desenvolver uma pesquisa (da qual darei mais detalhes em outra seção deste memorial) valendo-me de textos da *Revista da Semana*, sob um recorte temporal, melhor dizendo, diacrônico. A pesquisa se intitulou: “Leituras de mundo – uma viagem no túnel do tempo (1914/1920 / 2006-2007): a construção do ethos discursivo

no processo de semiotização do mundo e a interface com o ensino de Língua Portuguesa”.

A pesquisa transcorreu sem problemas e foi muito bem avaliada pela supervisora (cf. Anexos 25 e 25a). Suas propostas frutificaram não só em trabalhos apresentados em congressos nacionais e internacionais, como também renderam muitas publicações (capítulos de livros e artigos de revistas).

3. Carreira Docente / Atuação Profissional

3.1 Graduação

Como já mencionado, ingressei na UFF, como professora, em 1983 - após defender a minha dissertação de Mestrado – com atuação ininterrupta até a presente data. Já teria tempo para me aposentar, mas o contato com os alunos, o prazer de dar aulas me impelem a ainda continuar trabalhando.

No início, era professora visitante (Anexo 10) e conciliava as 20 horas de aulas na UFF, com as minhas atividades como professora do Estado do Rio de Janeiro. Em 1986, após submissão a Processo Seletivo, passei a integrar o Quadro Permanente da Universidade, pela Portaria de nº. 1.563, conforme documentos em anexo (A26 e A27) como Professor Assistente, nível 2.

Nos cursos ministrados na Graduação, leciono a disciplina Língua Portuguesa – em seus desdobramentos na Morfologia, Fonologia, Sintaxe e Semântica – sempre articulada ao estudo do texto, o qual é contemplado como primeira disciplina da nossa grade curricular.

A metodologia atual para o ensino da disciplina Língua Portuguesa deixou de apresentar conteúdos gramaticais de forma isolada, apostando na relação com o texto, com foco na leitura, interpretação e produção de diferentes tipos e gêneros textuais, em situações comunicativas diversas. Em minhas aulas, procuro sempre associar as descrições tradicionais àquelas de cunho semântico-discursivo, descrevendo os fatos da língua sob enfoque reflexivo, distante, portanto, da análise puramente metalinguística. Nesse sentido, a Teoria Semiolingüística, que organiza a “encenação do ato de linguagem” de acordo com determinados objetivos estabelecidos por um “contrato de comunicação”, recorrendo às categorias que cada língua oferece, representa, em muitos de seus aspectos, uma possibilidade de concretização desse alicerce metodológico em que busco me apoiar no ensino da Língua Portuguesa.

O ensino das disciplinas históricas me traz, também, enorme prazer, por reconhecer a importância da visão diacrônica, ao lançar luz sobre muitos aspectos da descrição do português contemporâneo. Assim, leciono, com

bastante frequência as disciplinas “Fonologia Diacrônica” (LP VI) e Morfologia Diacrônica (LP VII).

Nos cursos de Licenciatura, tenho sempre em mente a ideia de que não basta ensinar apenas os conteúdos, mas também a maneira de ensiná-los, como defende o professor Carlos Franchi em seu artigo “Criatividade e gramática” (2001)², ao se referir às atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.

Se pudesse resumir minha atuação como professora na Graduação, diria que dou as minhas aulas procurando levar o aluno a uma reflexão sobre como se produzem os sentidos na interação social por meio da língua.

Penso que a responsabilidade do professor é grande, maior ainda, a do professor de Português, pois além de ensinar os fatos da língua, deve envidar esforços para desenvolver a competência comunicativa de seus alunos, transformando-os em usuários proficientes de sua língua materna. A língua, mesmo sistemática, pode ser um lugar de jogo inventivo se o seu enfoque propiciar reflexão, ultrapassando a prática do ensino de gramática desvinculado da sua aplicação na realidade do uso diário. Para isso, a articulação com o texto é fundamental. Não o texto visto apenas como “pretexto” para o ensino, mas o texto concretizado em diferentes tipos e gêneros, abrindo-se para análise em dimensão mais ampla. Acredito que se articularmos gramática e texto, estaremos contribuindo para um ensino mais consciente e produtivo dos conteúdos gramaticais. Parafraseando o Prof. Marcuschi, em *O livro didático de Português- múltiplos olhares* (2001)³, costumo dizer que *o dilema: gramática ou texto? é um falso dilema. Não se vai longe sem gramática e não se usa a gramática a não ser para produzir textos.*

Vale lembrar, ainda, que de 1983 a 1994, era professora com carga horária semanal de 20 horas; somente a partir de março de 1994, tive meu regime de trabalho alterado para professor com regime de “Dedicação Exclusiva” - 40h DE (cf. Anexos 28 e 28a).

² Carlos Franchi. *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola, 2006.

³ Luiz Antonio Marcuschi. *O livro didático de português – múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001, capítulo 3, páginas 43-59.

A minha progressão funcional na UFF a partir da passagem de Adjunto 4 a Associado 4 se encontra devidamente comprovada nos documentos anexos (A29 a A32).

3.2 Pós-Graduação *Lato Sensu* – Especialização em Língua Portuguesa

Fui credenciada para atuar na Especialização em Língua Portuguesa – ainda na década de 1980 – e venho oferecendo cursos regularmente, conciliando os horários da Especialização com os cursos da Graduação e, a partir do ano 2000, com os da Pós- Graduação *stricto sensu*.

O curso de Especialização em Língua Portuguesa da UFF tem a duração de um ano (período em que os alunos cursam as disciplinas oferecidas) e mais um semestre para a elaboração da monografia, a ser orientada por um dos professores credenciados. Há disciplinas básicas e optativas. As disciplinas básicas são: Teoria e prática do texto; Sintaxe e Morfologia do Português; Português em sala de aula; Metodologia da pesquisa em Língua Portuguesa. São optativas: Aspectos da Sintaxe Portuguesa, Fonética e Fonologia; História da Língua Portuguesa; Lexicologia; Semântica.

Tenho atuado com frequência nas disciplinas de texto e morfologia/sintaxe; no semestre atual (2015/1), inclusive, estou oferecendo o curso de Sintaxe e Morfologia do Português.

Também nesses cursos, procuro ultrapassar o enfoque meramente informativo dos conteúdos apresentados, articulando-os sempre à situação comunicativa e à produção e recepção de textos, desenvolvendo um estudo reflexivo dos fatos da língua.

A partir de meu credenciamento no curso, participei de 28 bancas de avaliação de monografias e orientei 5 monografias de final de curso.

3.3 Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem.

Assim que terminei o Doutorado, fui convidada pela saudosa professora Claudia Roncarati a ingressar na Pós-Graduação em Letras. Após passar por

processo avaliativo, credenciei-me na linha de pesquisa 2 – “Discurso e Interação” – no ano 2000 e, a partir dessa data, venho dando, regularmente, um curso a cada ano, segundo critério acordado entre nós, professores, de um rodízio de colegas em cada linha de pesquisa, totalizando, portanto, quinze cursos, em 2015 (cf. Anexo 33).

Em 2010, como resultado do desmembramento do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF (criado em 1970), passaram a existir os Programas de Pós-Graduação em Estudos da Literatura e em Estudos da Linguagem. Como integrante do Programa de Estudos da Linguagem, filiei-me à nova linha 2 de pesquisa: “Teorias do texto, do discurso e da interação”, a qual abriga a disciplina “Semiolinguística”, por mim criada e organizada.

Neste primeiro semestre de 2015, darei um curso de “Introdução à Semiolinguística”. Normalmente, esse curso é bastante procurado por alunos novos, que têm interesse e curiosidade pela matéria, o que justifica o seu frequente oferecimento.

Como pode ser facilmente observado pelos títulos dos cursos, ao longo desses quinze anos de atuação na Pós-Graduação *stricto sensu*, a temática dos cursos oferecidos prende-se não só a teorias de Análise do Discurso, mas também a questões relacionadas ao referencial teórico da Linguística Textual, tendo sempre como foco a Língua Portuguesa em sua variedade de usos e situações e expressa em diferentes tipos e gêneros textuais.

Procurei, também, nesses cursos, estreitar um viés com as pesquisas que desenvolvi nesse intervalo de tempo, sempre preocupada com as várias maneiras de se perceber o mundo, levando, por isso, em consideração o fato de que os sentidos não são únicos e de que há um sujeito que atravessa a relação linguagem – mundo, sujeito este portador de uma identidade social e de uma identidade discursiva. Essa questão da identidade, como se sabe, passa por representações sociais, configuradas por imaginários sociodiscursivos, verdadeiros balizadores das ideologias que regem os comportamentos sociais.

Na esteira desses cursos, tenho orientado trabalhos sobre o uso de itens lexicais ou gramaticais em funções discursivas como, por exemplo: o emprego

axiológico de adjetivos; o valor dos advérbios como intensificadores (sobretudo, em *corpora* de textos publicitários), configurando-se a intensificação como estratégia de captação do público consumidor; trabalhos sobre conectivos, em geral, e sobre modalizadores; trabalhos sobre os modos de organização do discurso – focalizando a linguagem verbal e a visual, com ênfase à análise de imagens e de suas relações com cores e formas, numa variedade de domínios discursivos, em especial, os da mídia e da política.

Esses trabalhos estão contabilizados no Currículo Resumido em anexo e muitos já estão registrados no banco de teses e dissertações da UFF, na versão *on line*.

A partir de 2000, orientei 8 teses de doutorado; 16 dissertações de mestrado. Participei de 39 bancas de doutorado; 50 bancas de dissertação de mestrado; 34 bancas de qualificação de doutorado (externas e internas) e 45 bancas de qualificação de mestrado (externas e internas).

Vale destacar que muitos de meus ex-orientandos são hoje professores de universidades federais (inclusive, da própria UFF) e de escolas públicas. Destaco a seguir alguns nomes:

- Beatriz dos Santos Feres (Universidade Federal Fluminense)
- Ilana Rebello Viegas (Universidade Federal Fluminense)
- Nadja Pattresi de Souza e Silva (IFRJ – *campus* Rio de Janeiro – Maracanã e aprovada no último concurso – 4 de março de 2015 – para Professor Adjunto 40 horas, da UFF)
- Janayna Bertollo Cozer Cazotti - Universidade Federal do Espírito Santo
- Martha Christina Ferreira Zoni – Universidade Federal do Amapá
- Lucineide Lima de Paulo – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – Duque de Caxias
- Tania Maria dos Santos Carvalho – Colégio Pedro II
- Beatriz Serrão Petri Henrique – Colégio Pedro II

3.4 Ensino à Distância – Graduação: Licenciatura em Português / Literaturas, UFF / Consórcio CEDERJ

No segundo semestre de 2009, fui convidada pela Professora Lívia Reis a integrar a equipe de implantação do projeto de Ensino à Distância, Graduação em Letras da UFF, junto ao Consórcio CEDERJ.

Sempre disposta a enfrentar novos desafios, aceitei o convite para coordenar a primeira disciplina de Língua Portuguesa do curso – Português 1 (cf Anexo 34), uma disciplina que versa sobre TEXTO, a exemplo do currículo do curso de Letras presencial da UFF.

Lembro que passei os meses das férias de verão do ano de 2010 envolvida com a preparação deste material – a escritura das aulas: 30 aulas (cf. Anexo 35) – que, além de serem postadas na plataforma *Moodle*, foram editadas em livro didático para os alunos (cf. produção científica no currículo anexo, item “livro”).

Com a responsabilidade de preparar a parte teórica da disciplina, chamei para me auxiliar, na elaboração dos exercícios, uma ex-orientanda de doutorado – Ilana Rebello Viegas, que convidei, a seguir, para trabalhar comigo na tutoria à distância. Concluída a etapa de toda a elaboração do material, faltava-me o conhecimento digital para trabalhar na plataforma *on line*. Foi necessário, então, fazer o curso de mídias digitais (cf Anexo 36).

Continuo coordenando, no EAD, a disciplina Português 1, que recebe os candidatos egressos do vestibular, daí termos, por semestre, cerca de 300 alunos, já que são oferecidas 50 vagas a cada concurso vestibular (dois por ano) para cada um dos seis polos em que atuamos: Nova Iguaçu, Paracambi, Itaperuna, São Francisco de Itabapoana, Piraí e Nova Friburgo.

A atividade de coordenação envolve a preparação acadêmica dos tutores – à distância e presenciais – esses últimos atuantes nos polos; a elaboração de exercícios e de provas por semestre: duas avaliações à distância (ADs 1 e 2), e três avaliações presenciais (APs 1, 2 e 3), realizadas nos respectivos polos e enviadas à coordenação do curso, na UFF, para serem corrigidas por mim e pela tutora à distância, além de visitas ocasionais aos

polos, sobretudo, nas aulas inaugurais, a cada semestre, e da participação em eventos organizados por eles.

O curso avança a cada semestre e posso dizer que a experiência tem sido bastante gratificante e produtiva – muitos alunos têm vindo à UFF para nos conhecer pessoalmente e daqui a dois ou três semestres já estaremos formando a primeira turma.

Nesse percurso, uma experiência bastante interessante se dá quando tenho a oportunidade de ministrar o mesmo curso nas duas modalidades – presencial e à distância. É possível, então, avaliar os procedimentos de uma e de outra modalidade – as confluências e diferenças – e o resultado final dos dois processos.

4. Atividades de Pesquisa / Projetos

Ao longo da minha vida de estudante e, depois, como professora, sempre tive prazer pelo estudo e, conseqüentemente, pela pesquisa. Com a responsabilidade de elaborar, primeiramente minha dissertação de mestrado e, posteriormente, a tese de doutorado, esse gosto foi-se transformando num hábito natural, regulado, a partir do compromisso do regime de Dedicção Exclusiva por prazos de início e fim dos projetos de pesquisa. Após o doutorado, cadastrei, regularmente, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, projetos de pesquisa individuais a cada dois, ou três anos.

4.1 Projetos de pesquisa individuais

Os projetos arrolados nesse tópico refletem meu interesse de pesquisa ao longo da minha trajetória acadêmica. Assim, o primeiro deles, “Estudo das relações interfrásticas na construção do texto publicitário: implicações semântico-discursivas” (1998 -2001), desenvolvido no período que sucedeu ao curso de doutorado, corresponde a uma ampliação daquela pesquisa, com ênfase aos estudos de sintaxe no nível do período composto, partindo da visão tradicional e alçando a um recorte semântico-discursivo, com base na Macrossintaxe Argumentativa de Oswald Ducrot⁴ e nas relações lógicas, formalizadas sob um viés semântico-discursivo, por Patrick Charaudeau, no capítulo 12 da segunda parte da *Grammaire du sens et de l’expression*⁵.

O segundo projeto desenvolvido – “Mecanismos linguísticos discursivos de intensificação na construção de sentido do discurso publicitário” (2001-2003) – ratifica a constante busca de articulação entre as categorias da língua e as categorias do discurso, ao se procurar relacionar o ponto de vista morfológico e sintático, da tradição – no estudo, por exemplo, de adjetivos e de advérbios – ao semântico-discursivo-pragmático, num *corpus* de textos publicitários. Procurei identificar, nessa análise, os processos de intensificação linguisticamente codificados, responsáveis pela “singularização” do produto e, conseqüentemente, pela construção do sentido hiperbólico do discurso da publicidade.

⁴ O. Ducrot; J.C. Anscombre. *L’argumentation dans la langue*. Bruxelas: Mardaga, 1983.

⁵ Patrick Charaudeau. *Grammaire du sens et de l’expression*. Paris: Hachette, 1992, páginas 493-550.

Além do emprego de adjetivos e de advérbios, foram tomados como processos de intensificação na referência ao Produto (“objeto de busca” do consumidor): o mecanismo da repetição, as construções em gradação, o uso de prefixos, o emprego da metáfora e da metonímia e, como já mencionado, o processo da “singularização”⁶, que consiste em tornar “único” um produto, em meio a outros semelhantes, mas de marcas concorrentes. Esse processo se atualiza, sobretudo, por meio da “definitivização” e, ainda: pelo recurso ao grau (emprego do superlativo relativo de superioridade, na qualificação do melhor); pela ideologia da modernidade; por meio de torneios lógicos implícitos, por exemplo, uma marca de “*conjunção*”, onde seria de se esperar a de “*restrição*” – Ex: “Qualidades confirmadas e (= **mas**) o preço de uma banana”; ou até, discursivamente, por situações que podem causar estranhamento (como, por exemplo, as apresentadas em algumas publicidades polêmicas da marca italiana *Benetton*).

O terceiro projeto – “Modalidades enunciativas no texto mediático – interface com a linguística do texto” (2004 – 2006) marca a intenção de se relacionarem pressupostos da Linguística Textual àqueles da Análise do Discurso de base semiolinguística, revelando, dessa forma, a minha constante preocupação com os estudos do texto. Tomando como ponto de reflexão o modo enunciativo de organização do discurso e suas modalidades – alocutiva (estabelece uma *relação de influência* do locutor sobre o interlocutor: EU → TU); elocutiva (revela o *ponto de vista* do locutor, posição que assume em relação ao mundo EU→ELE) e delocutiva (testemunha o dito, posição em relação a outros discursos – ELE), com suas diversas categorizações, procurei desenvolver um estudo sobre como se apresentam essas categorias discursivas em textos publicitários em que se evidenciam, principalmente, marcas linguísticas de dois fatores da textualidade: a conectividade sequencial, ou coesão e a conectividade conceitual, ou coerência, de acordo com Duarte (1989)⁷. Os textos do *corpus* foram agrupados em áreas temáticas previamente delimitadas – limpeza, transporte, moda/acessórios, saúde/beleza, serviços – o

⁶ Patrick Charaudeau. *Langue et discours* - Eléments de semiolinguistique (Théorie et Pratique). Paris: Hachette, 1983

⁷ Inês Duarte. Aspectos linguísticos da organização textual. In: MIRA MATEUS *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

que permitiu, ao final da pesquisa, que se pudesse perceber que área temática apresentou maior incidência de um determinado comportamento discursivo e, ainda, sob qual viés de organização textual esse comportamento fora codificado, explicitando-se, também, a posição do enunciador diante daquilo que pretenderia e/ou gostaria de adquirir.

O quarto projeto marca um momento especial na minha trajetória acadêmica, pois se refere à pesquisa que empreendi no Pós-Doutorado: “Leituras de mundo – uma viagem no túnel do tempo (1914/1920/2006-2007): a construção do ethos discursivo no processo de semiotização do mundo e a interface com o ensino de Língua Portuguesa” (2006-2008).

Essa pesquisa se desenvolveu em torno de dois eixos principais que se sobredeterminam na análise do *corpus*: o eixo do “dito” e o do “não dito”.

No primeiro, considerei as seguintes questões: a seleção lexical (precipualemente, dos nomes: substantivos e adjetivos) tomada no espaço do interdiscurso da sociedade, nos diferentes recortes temporais focalizados; a inscrição da subjetividade e de sua dimensão axiológica nos textos e os meios de codificação linguística responsáveis por esse processo; o valor dos conectivos na explicitação de diferentes relações sintático-discursivas; as cadeias referenciais e os mecanismos de “referenciação” que contribuem para a progressão tópica e, a partir daí, para o estabelecimento de *isotopias* em que essas cadeias de termos se reforçam mutuamente; as renomeações, recategorizações e redefinições, com seus respectivos “deslizamentos de sentido”. Todos esses mecanismos “preparam o terreno”, por assim dizer, para a transposição ao segundo eixo – o espaço “do não dito” – em que se dará o desvelamento dos implícitos, seja por meio de pistas de instrução de sentidos, seja por meio das próprias marcas linguísticas.

No segundo eixo, preocupei-me, então, com o “não dito”, sob a forma de implícitos: os pressupostos e as inferências. Os implícitos, como se sabe, apresentam, sob forma indireta e velada, crenças e opiniões partilhadas socialmente. Observei, por exemplo, que os *estereótipos* raramente aparecem de forma direta e completa e ratifiquei, na pesquisa, a caracterização dos implícitos por meio de insinuações escondidas que contribuem efetivamente para a interpretação do enunciado por parte do alocutário, que se engaja nesse

processo de interpretação, “completando lacunas” do não dito e tornando-se, dessa forma, “coenunciador” do processo interpretativo (Eco, 1986)⁸.

Na prática, essa divisão “dito/não dito” aparece diluída, pois os dois eixos se interpenetram e se complementam, uma vez que toda análise que exige cálculo interpretativo se sustenta simultaneamente não só no que é dito com todas as letras, ou seja, no que é explicitado, mas também no que fica nas entrelinhas, no que se deixa apenas entrever e que deverá ser decodificado, por meio de inferências.

A partir desse jogo explícito/implícito, procurei traçar a “imagem da mulher na sociedade”, mapeando um perfil feminino na linha do tempo, num recorte que incide sobre os anos de 1914-1921, de um lado, e 2006-2007, de outro. Cabe lembrar que as duas primeiras faixas temporais recobrem a época da 1ª Grande Guerra Mundial e, para dar conta da análise linguística inserida num quadro situacional, como prevê a Análise Semiolinguística do Discurso, tracei um “pano de fundo” sócio-histórico, conforme me foi sugerido por Dominique Maingueneau, num dos encontros do Grupo de Pesquisa CIAD-RIO.

O mapeamento do perfil da mulher, sócio-historicamente constituído, implica, na verdade, a paulatina construção do seu *ethos*, em consonância com os imaginários sociais de cada época e com as ideologias que regem os comportamentos humanos. Nesse percurso, pude observar como o *ethos discursivo* se manifesta: *ethos mostrado*, *ethos coletivo*, *ethos prévio*, sendo que todas essas manifestações têm seu ponto de ancoragem numa visão de mundo sócio-historicamente constituída, de que decorre a validade do estudo das ideologias, dos *topoi* recorrentes e das *isotopias* característicos da sociedade em cada recorte temporal.

Foram bastante proveitosas, em meu estágio de Pós-Doutorado, as discussões com a Professora Ida Lucia Machado sobre temas pertinentes à pesquisa e, ainda, as trocas interativas com a Professora Ruth Amossy (no minicurso ministrado, pela referida professora, na UFMG, de que tive a oportunidade de participar), sobretudo, nas questões relativas ao estudo do

⁸ Humberto Eco. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ethos (cf. Anexo 23). A professora Amossy se mostrou bastante interessada pela temática da minha pesquisa e me ofereceu, inclusive, um texto de sua autoria, inédito, sobre uma das primeiras incursões da mulher no mundo do trabalho sem a permissão do marido – a atuação como enfermeira nas trincheiras da 1ª Grande Guerra Mundial.

A pesquisa de Pós-Doutorado ampliou o alcance de minha área de análise, já que pude trabalhar, interdisciplinarmente, com temáticas que se prestam também aos estudos de sociologia e da antropologia social. Cito, dentre outros, como exemplos de leituras relevantes para a pesquisa, textos de Pierre Bordieu⁹, Sergio Buarque de Holanda¹⁰, Gilberto Freyre¹¹, Myriam Goldemberg¹² e Roberto DA MATTA¹³.

O quinto projeto – “Discurso e imagem nas capas de revistas femininas brasileiras: ideologia e sedução (séculos XIX, XX e XXI)” (2009 – 2012) – coloca em evidência o meu interesse pelo estudo da imagem, na articulação das linguagens verbal e não verbal, mas ainda se volta para a temática de gênero, sobretudo, para as questões do feminino.

Tomei como *corpus* de análise capas de revistas que atestam a presença feminina ao longo do tempo (séculos XIX ao XXI) para verificar como se vem construindo a imagem da mulher, do ponto de vista sociocultural, do século passado a nossos dias. Basicamente, a pesquisa se desenvolveu como resposta a um grupo de perguntas que figuraram como “gatilho” para a análise:

Que nos revelam essas capas de revistas?

Qual o seu peso/significância para a revista que apresentam?

Que perfis identitários traçam para/sobre essas mulheres?

Correspondem às “visadas discursivas” de que enunciadores, e para qual público-alvo?

Todas essas questões (e as possíveis respostas) fizeram parte da investigação, que se voltou, principalmente, para a articulação discurso/imagem, polo central da pesquisa. Assim, ao se debruçar sobre o texto, a análise levou em consideração forma e conteúdo, sem necessariamente

⁹ Pierre Bordieu. *La domination masculine*. Paris: Seuil, 1998.

¹⁰ Sergio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. 26ª ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹¹ Gilberto Freyre. *Modos de homem e modas de mulher*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

¹² Miriam Goldemberg. *O corpo como capital*. São Paulo: Estação das Letras, 2007.

¹³ Roberto DAMATTA. *O que faz o Brasil Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

estabelecer hierarquia entre esses dois componentes, mas sempre tendo em vista o laço que os une, o que significa analisar a imagem, com todas as suas potencialidades icônicas e, paralelamente, analisar também o(s) texto(s) que acompanha(m) essa imagem, parafraseando-a (ou não). A paráfrase é bastante comum nas capas das revistas contemporâneas, que apresentam, ao lado da imagem, textos norteadores do conteúdo da revista. Esses textos “parafraseadores” estão, portanto, também sujeitos à análise, ao se prestarem à observação das escolhas lexicais por meio das quais se concretizam os sentidos.

Em relação ao texto verbal, por conseguinte, procurei verificar em que medida a seleção lexical, tomada no espaço do interdiscurso da sociedade, colabora para a construção de identidades sociais, projetando visões de mundo determinadas pela *doxa* e reveladoras de outras vozes – *polifonia* – que apontam para comportamentos femininos e masculinos (já que em qualquer estudo de gênero, masculino/feminino estão imbricados) articulados a *estereótipos*¹⁴ e a *arquetipos*¹⁵ característicos da sociedade patriarcal e/ou contemporânea. No estudo dos *estereótipos*, a delimitação do perfil feminino (e masculino) é estabelecida por meio das categorias do *nomear/qualificar/descrever a ação* desses personagens.

Na análise do texto não verbal, por sua vez, o foco incidiu sobre a mensagem visual única e fixa, trabalhando com os códigos visuais, que se constituem, nas imagens, formas, linhas e cores – elementos plásticos, enfim, que agregam significados às informações, ao possibilitarem a articulação do texto verbal ao não verbal, em *relações de complementaridade* (muito mais frequentes)¹⁶, ou de *dissensão*¹⁷.

Nessa pesquisa, destaco, também, a preocupação com a valorização corporal. Na sociedade do espetáculo¹⁸, o culto à aparência física é alçado a uma posição dominadora, prepotente, representado como um sistema de

¹⁴Ruth Amossy e Anne H. Pierrot. *Estereotipos y clichés*. Buenos Aires: Eudeba, 2004

¹⁵Sal Randazzo. *A criação de mitos na publicidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

¹⁶ Roland Barthes. *Rhétorique de l’image*. In: *L’obvie et l’obtus*. Paris: Seuil, 1982

¹⁷ Tania Conceição Clemente Souza. A análise do não verbal nos meios de comunicação. In: *RUA – Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp*, vol. 7, p. 65-94, Campinas, março de 2001.

¹⁸ Jurandir Freire Costa. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

crenças tão poderoso quanto o das religiões e “transmitido como um evangelho” (WOLF, 1992)¹⁹. O cuidar-se fisicamente passa a ser dever e responsabilidade de cada indivíduo, que, dessa forma, pode-se destacar na cena social: a *mise en scène* da aparência se transforma em imperativo. Assim, cada um é responsável e também culpado por sua beleza, saúde e juventude. Hoje em dia, “só é feio quem quer e só envelhece quem não se cuida”²⁰.

A exemplo da anterior, essa pesquisa permitiu também a aproximação entre áreas de conhecimento a princípio distantes, mas que podem-se aproximar por meio de vínculos temáticos. A esse propósito, mesclaram-se à análise do discurso imaginários recorrentes em campos investigativos como o da sociologia e o da antropologia cultural.

O projeto atual, em andamento – “O discurso publicitário e a patemização: da construção dos sentidos aos efeitos visados: rota diacrônica: séculos XX e XXI” (2012-2015) – reflete meu interesse sobre o *pathos*, um dos componentes da trilogia aristotélica – *logos*, *ethos*, *pathos* – sobre o qual ainda não me havia debruçado; é focalizado, nesta pesquisa, sob uma perspectiva discursiva.

Partindo do pressuposto de que nos comunicamos basicamente por meio de palavras, ressalto que as palavras em estado de dicionário não provocam sentimentos, reações, sensações, enfim, não nos comovem. Devemos considerar que “as palavras só se tornam significativas no discurso”²¹, onde ganham força e colorido, podendo tocar o outro. São exatamente essas palavras “carregadas”²² que interessam à presente pesquisa, em que procuro responder a um questionamento principal:

De que forma o que dizemos afeta o outro, provocando nele emoção?

Procuro demonstrar, portanto, que as emoções apresentam uma orientação em direção a um objetivo “visada” (*visée*) acional, ou seja, devem ser analisadas numa perspectiva intencional. E, nesse caso, a emoção poderia

¹⁹ N. Wolf. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

²⁰ Miriam Goldemberg. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento, e infidelidade*. São Paulo: Record, 2009.

²¹ Inês L. Araújo. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola, 2004.

²² Mattoso Câmara, J. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

desencadear – por meio da relação com elementos referentes às crenças e aos conhecimentos dos sujeitos – alguns tipos de comportamento, que, considerados como possibilidades do *ato de linguagem*, trazem em si a noção de aventura, de aposta. Nesse aspecto, gostaria de lembrar a etimologia da palavra, que articula o prefixo *ex* (para fora) a *motio* (ação), o que, numa primeira significação, remete à “ação para o exterior”, em direção ao outro. As emoções são, por conseguinte, “estados motivacionais”, que consistem em impulsos, desejos ou aversões que levam o indivíduo a modificar sua relação com um objeto, com um estado de mundo ou consigo mesmo.

Destaco que, do ponto de vista de uma análise do discurso (cujo objeto é a linguagem como produtora de sentido em uma relação de troca), o estudo da emoção não poderia ser focado naquilo que os sujeitos efetivamente sentem (por exemplo, vivenciar a felicidade, o medo, ou a raiva), mas no que a linguagem traz em si mesma: o signo de uma coisa que não está nela, mas da qual é portadora e, nesse caso, estaremos falando de uma *visada de efeito*, instaurada por categorias de discurso e complementada por uma teoria do sujeito e pela situação de comunicação. É sob essa perspectiva que estou desenvolvendo a pesquisa atual, apoiando-me, ainda, na proposta de caracterização de efeitos patêmicos,²³ que estabelece o que Charaudeau denominou “tópicas do *pathos*”, ou “*patemia*” (imaginários), constituídas por uma série de “figuras”: tópica da “dor” e seu oposto, a “alegria”; tópica da “angústia” e seu oposto, a “esperança”; tópica da “antipatia” e seu oposto, a “simpatia”; tópica da “atração” e seu oposto a “repulsa”, além de outras *figuras*, como o “desprezo”, o “desgosto”, a “aversão” e a “fobia”.

Cada uma dessas tópicas é definida em termos de *cenário* e de *figura* (tristeza-sofrimento/contentamento-satisfação; medo-terror/confiança-apelo; cólera-aversão/benevolência-compaixão), marcando um *lugar* (adesão/distância) do telespectador.

O *corpus* da pesquisa se compõe de peças publicitárias num corte diacrônico: a partir dos anos 50 do século passado até nossos dias, procurando mostrar que a publicidade constrói o tipo ideal de consumidor pelos modelos de

²³ P. Charaudeau. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: *As emoções no discurso*, volume II. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

comportamentos consumistas divulgados e baseados no senso comum. A esse propósito, percebe-se a relevância da “captação” do sujeito interpretante/destinatário, no discurso propagandístico (ideológico ou comercial) já que o que interessa é vender um produto, uma ideia. Para tanto, há uma necessidade de “acordar” esse interlocutor, seja persuadindo-o, seja seduzindo-o por meio do acionamento de efeitos patêmicos a serem nele despertados.

A grande maioria dos textos analisados até agora demonstra uma preponderância das *patemias* positivas – da felicidade e do prazer. Paralelamente, as tópicas referentes ao universo da tristeza e da dor se apresentam em menor escala.

A pesquisa parece confirmar uma hipótese inicialmente levantada, segundo a qual, ao longo do tempo – século XX a XXI – vem ocorrendo uma transição de foco na avaliação dos produtos no discurso publicitário; explicando melhor: do foco no produto (qualidades intrínsecas) está-se passando ao foco nos valores sócio-ideológicos veiculados pela marca, os quais desencadeiam efeitos patêmicos diversos.

O resumo dos projetos de pesquisa e a produção científica deles decorrente se encontram atualizados no Currículo Resumido em anexo.

4.2 Pesquisas em grupos

A pesquisa científica sempre foi para mim, como já tive a oportunidade de ressaltar, uma atividade fundamental, além de bastante prazerosa. Nesse sentido, sempre me dediquei à investigação não só em projetos individuais, mas também em interação com colegas, participando de grupos de pesquisa coletivos.

4.2.1 “Interação verbal, Identidades e práticas discursivas” (certificado pelo CNPq)

Em 2002, fui convidada pelo professor Fernando Afonso de Almeida para constituirmos um grupo de pesquisa. Surgiu, assim, o grupo “Interação

verbal, identidades e práticas discursivas”, devidamente certificado pelo CNPq, tendo o professor Fernando como líder e eu, como vice-líder.

Os trabalhos do grupo repercutem principalmente de três formas:

1) contribuem para o estudo das interações verbais, das práticas discursivas e da relação pedagógica em ambiente institucional, ao investigar (a) o contrato de comunicação e os lugares assumidos pelos agentes durante a interação; (b) suas funções e os procedimentos discursivos por eles adotados no âmbito daquela relação social; (c) a natureza e o propósito de suas intervenções e os projetos de influência; (d) o processo de negociação e os conteúdos negociados; e) os mecanismos de preservação das faces;

2) constituem o reflexo do trabalho de pesquisa e orientação em graduação e pós-graduação, apontando para uma área de investigação de grande interesse para profissionais em formação (graduandos e pós-graduandos) e pesquisadores;

3) trazem subsídios para o aprimoramento das competências interacionais e auxiliam os docentes na adoção de práticas pedagógicas mais eficientes e melhor adaptadas às situações de ensino/aprendizagem, devido ao fato de analisar e buscar entender o funcionamento das interações verbais.

As atividades do grupo têm frutificado em bons resultados. Na década de 2000, por exemplo, a professora Catherine Kerbrat-Orecchioni esteve na UFF e, nessa mesma época, o professor Fernando organizou a tradução do livro “Les actes de langage dans le discours”, da referida professora. O livro, cujo título em português é “Os atos de linguagem no discurso – teoria e funcionamento”, foi editado pela EdUFF, em 2005.

Com a aposentadoria do professor Fernando, assumi a liderança do grupo e convidei a professora Lygia Trouche para atuar como vice-líder.

4.2.2 Círculo interdisciplinar de Análise do Discurso (CIAD)

O CIAD é um grupo de pesquisa sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro e do qual faço parte desde a época de meu doutorado. Atuo, no

momento, a convite da professora Maria Aparecida Lino Pauliukonis (líder), como vice-líder do grupo.

O projeto sobre Análise do Discurso constituiu-se por meio de um convênio de cooperação científica entre a UFRJ e a Universidade Paris 13, tendo como parceiro estrangeiro o linguista Patrick Charaudeau, fundador do CAD (*Centre d'Analyse du discours*). Após o término do convênio, a parceria continuou a se efetivar por meio de visitas constantes do Professor Charaudeau ao Brasil e de integrantes do projeto à França, numa troca de experiências que se têm concretizado em produção científica de professores e de alunos vinculados ao projeto.

A partir de 2001, o CIAD/Rio constituiu novo Projeto Integrado, com outros pesquisadores das principais universidades do Rio de Janeiro (UFRJ, UFF e UERJ) em torno do estudo das *Operações linguístico-discursivas na construção de imaginários sociais*, estudo este que se refletiu em produções da mídia impressa, em textos literários, no discurso pedagógico e no discurso da tradução.

Em 2007, o grupo Ciad/Rio se empenhou em novo Projeto Integrado sobre “Discurso e Enunciação”. Em setembro de 2010, foi realizado o II Fórum de Análise do Discurso, com mais de 500 inscritos e apresentação de 300 trabalhos sobre a temática: *discurso, texto e enunciação*.

Esse grupo teve muita importância no desenvolvimento de minhas pesquisas que, embora constituindo projetos individuais, inseriram-se, com propriedade, nos projetos mais amplos do grupo CIAD.

Atualmente os pesquisadores do CIAD mantêm, além de seus projetos individuais, um projeto integrado sobre *efeitos de sentido da emoção no discurso das diversas mídias*, com a temática “*A relação ethos e pathos na mídia impressa e digital*”.

As teses de doutorado e dissertações de mestrado que tenho orientado refletem a produtividade dos grupos de pesquisa de que participo.

4.2.3 Outras atividades de pesquisa

Em relação a outras atividades de pesquisa conjunta, destaco minha participação como membro da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística). Pertencço ao GT – *Linguística do Texto e Análise da conversação*, desde 1994, quando o Grupo era coordenado por Luiz Antônio Marcuschi e por Ingedore Koch. A cada dois anos, tenho comparecido aos encontros nacionais e também aos encontros intermediários do meu GT, participando das discussões com propostas de trabalhos a partir de resultados de pesquisas.

Faço parte, ainda, do NAD/UFMG (Núcleo de Análise do Discurso da UFMG) ao qual me integrei por ocasião de meu Pós-Doutorado naquela universidade, e sou associada à ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), à ALED (Associação Latinoamericana de Estudos do Discurso) e à ALFAL (Associação de Linguística e Filologia da América Latina).

5. Atividades de Orientação e Participação em Bancas

Em quinze anos de atuação na Pós-Graduação da UFF, orientei 16 Dissertações de Mestrado e 8 Teses de Doutorado. Na Especialização em Língua Portuguesa, orientei 5 monografias de conclusão de curso e, na Iniciação Científica, duas monografias, perfazendo um total de 31 orientações, sem contar aquelas que ainda estão em andamento.

A orientação desses trabalhos vincula-se à linha de pesquisa em que atuo no Programa de Pós-Graduação e se efetua após os alunos participarem dos cursos que tenho oferecido na Pós (*stricto* e *lato sensu*). Procuro sempre dar liberdade aos orientandos para escolherem a temática de seus trabalhos de acordo com sua formação e interesse.

No momento, tenho quatro orientações em andamento – duas de doutorado (Gisella Meneguelli e Eveline Cardoso Coelho) e duas de mestrado (Camilla Ramalho Duarte e Luciana Cavalcante Mattos e Melo), além da supervisão de duas pesquisas de pós-doutoramento (Lucia Helena Martins Gouvêa e Claudia Maria Gil da Silva).

Em relação à atuação em Bancas examinadoras, tanto internas (na UFF), quanto externas, participei de mais de 150 bancas, que incluem bancas de Dissertação de Mestrado e Teses de Doutorado.

Participei ainda de bancas de concurso na UFF e em outras IES, além de bancas de vestibular e de Transferência na UFF e de bancas do Ensino à Distância, nesses dois últimos casos, não apenas como avaliadora, mas também como elaboradora das provas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e de Redação.

Atuo, também, como parecerista *ad hoc* de diversos periódicos, tais como *Revista Gragoatá*, *Revista da ANPOLL*, *Revista Diadorim*, *Caderno de Letras da UFF*, dentre outros. Participei da avaliação dos cursos de Pós-Graduação, na CAPES, no período 2005-2007, a convite do Professor Luiz Antonio Marcuschi, coordenador da área de Linguística à época, e tenho atuado, ainda, em processos de avaliação de projetos, como o Prociência da UERJ, além de pareceres internos, no âmbito da UFF, em meu Departamento

– Letras Clássicas e Vernáculas – para avaliação de projetos de pesquisa e de processos de avaliação de progressão funcional de colegas.

6. Produção Científica

Desde o início da minha vida de estudante, interessei-me por ir além da leitura dos textos recomendados pelos professores nas aulas. Pedia à minha mãe que comprasse outros livros para que eu pudesse comparar o assunto em autores diferentes, ia à biblioteca para ler outras edições do mesmo livro, enfim, meu interesse pela pesquisa manifestou-se cedo na minha trajetória de estudante e, depois, de professora. Foi, porém, a partir dos cursos de Mestrado e de Doutorado que pude desenvolver com mais acuidade essa prática, orientando minhas leituras e pesquisa para o foco de meu interesse. Esse horizonte se alargou, inclusive, pela maior possibilidade da produção científica a partir do credenciamento na Pós-Graduação da UFF, na linha Discurso e Interação, a partir do ano 2000.

Interessei-me pelo processo comunicativo, que implica uma determinação recíproca e contínua de comportamentos dos sujeitos em interação, pois a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais dos outros, assim, nossos enunciados estão repletos de palavras dos *outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação. Mais do que emissor e receptor (presos a uma abordagem unidirecional do ato de linguagem), os coenunciadores correspondem a seres que se *determinam mutuamente*, produzindo, ambos ativamente, o sentido textual de acordo com fatores pragmático-enunciativos inerentes ao esforço engendrado na interação.

Nessa esteira da comunicação com o outro, meu interesse tem-se voltado para os estudos da mídia, observando como se realiza o processo de construção de sentido na mídia impressa, pela articulação da mensagem verbal (discurso) à visual (elementos plásticos), considerando que a imagem carrega também uma informação de natureza sociológica, como suporte de ideologia de uma coletividade. A questão do *ethos discursivo* também se destaca em minha produção, assim como a da posição da mulher na sociedade em momentos cronológicos distintos. Esse último tópico tem-me levado a tratar, ainda que tangencialmente, de questões sociológicas e antropológicas relacionadas à noção de gênero.

Selecionei alguns itens de minha produção, que passo a comentar na sequência. O ponto de convergência entre todos os trabalhos que tenho produzido é o enfoque na língua acompanhado, sempre, da preocupação, algumas vezes latente, com a aplicação em sala de aula de Língua Portuguesa.

Começo pelo livro que resultou da minha pesquisa de doutorado: **A publicidade pelo avesso**. Houve sugestão da banca examinadora para que a tese fosse publicada. Decidi destacar o primeiro capítulo, que versava sobre publicidade e submetê-lo à avaliação para publicação pela EDUFF. O texto foi muito bem avaliado (cf. documento A15) e o livro veio a público em 2003 (ISBN 85-228-0366-8). Nessa publicação, traço um perfil do fenômeno publicitário – a diferença entre propaganda e publicidade; as ideologias e mitos que subjazem a esse fenômeno; a expressão da ideia; o processo de criação da palavra publicitária e os modos de organização do discurso, com seus tipos discursivos responsáveis pela conformação enunciativa do texto publicitário.

Seguindo uma ordem cronológica, passo a comentar alguns artigos que escrevi para periódicos, muitos com classificação QUALIS A e B.

Início por um artigo publicado na Revista Veredas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 3, n. 2 – jul/dez – 1999 – ISSN 1415-2533, intitulado “**O discurso publicitário e o jogo de máscaras das modalidades discursivas**”. Nesse artigo, discuto as modalidades discursivas que dão suporte aos textos publicitários. O estudo das modalidades discursivas – enunciativa, narrativa e argumentativa – configura-se como um pano de fundo para a construção de sentido da mensagem publicitária. Na modalidade enunciativa, que perpassa as duas outras, são mais recorrentes as subcategorias alocutiva, sob a máscara do “conselho”, e delocutiva, sob a máscara do “efeito de evidência”. Já na modalidade narrativa, o Produto (P), equivalente a “objeto de busca” do receptor da mensagem, é o mais frequente tipo discursivo evidenciado no texto publicitário, já que sob a égide do “princípio de influência”, a publicidade procura despertar no possível comprador do produto uma sensação de falta (daquele produto específico, mesmo que ele tenha vários outros semelhantes), que o leva a procurar/desejar comprar esse mesmo produto. Em relação à modalidade argumentativa, emprega-se

largamente a estratégia da “singularização” (aquele produto é o único a lhe dar o benefício esperado), como máscara discursiva na captação do público consumidor.

Prossigo, mencionando um artigo internacional, de 2001, publicado pelo Zentrum Portugiesischsprachige Welt, da Universidade de Colônia (Alemanha) na revista “O Português no Brasil – aspectos sincrônicos e diacrônicos” (2º volume, ISSN 0947-1723). O artigo intitula-se ***A expressão da contra(dis)junção no texto publicitário – Implicações semântico-discursivas***. Trata, portanto, das relações interfrásticas num *corpus* de textos publicitários, com ênfase à contrajunção e à disjunção. Em relação aos conectores que expressam a “contraexpectativa” (*contrajunção* para Beaugrande e Dressler, 1981)²⁴, observou-se o emprego maciço do “mas”, o que pode ser explicado, de um lado, pelo viés da relação entre esse conectivo e os enunciados factuais (só aparece em frases em que o verbo está no modo indicativo) e, de outro, a característica dos textos publicitários de veicularem constatações, certezas e quase nunca enunciados hipotéticos, vagos. Assim, o “mas” contraria uma expectativa, cujo resultado trará algum tipo de benefício para o receptor/consumidor. Quanto à disjunção, evidenciou-se a prevalência absoluta do “ou”, que se apresenta isolado, revelando a hierarquia entre os elementos disjuntos, ou repetido, destacando o efeito de focalização, ou *autonomização* desses elementos.

Em seguida, apresento dois artigos, publicados em 2003: um na Revista Linguagem em (Dis)curso, do Programa de Pós-Graduação da UNISUL (ISSN 1518-7632), e outro, na Revista Linguagem & Ensino, da Revista do Curso de Mestrado da Universidade Católica de Pelotas (ISSN 1415-1928).

O primeiro, intitulado “***Possibilidades discursivas do E – um conector coringa***” focaliza o mecanismo de conexão interfrástica do conector “e”, procurando identificar os diferentes matizes sintático-semânticos de que se reveste esse coordenador, de emprego e sentidos amplos, evidenciando-se, então, relações de sentido não uniformes entre os elementos conjuntos, em virtude de implicações pragmáticas, a partir de seu valor primário de adição.

²⁴ R. Beaugrande; W.U. Dressler. *Introduction to text linguistics*. London:Longman, 1981.

Por ser um conector argumentativamente mais frouxo, pode-se revestir de valores contextuais complementares, tais como os de consequência, contrajunção, aproximação, oposição, acréscimo (ou reforço argumentativo, como o “e” de *surènchere*), sucessividade, simultaneidade.

O segundo, de nome “**Graus de vinculação das condicionais no discurso publicitário**” apresenta os diferentes graus de vinculação das orações condicionais, num *corpus* de textos publicitários, partindo da diferença entre condicionais diretas (prototípicas) e indiretas (domínio epistêmico e pragmático). Por emprego convencional ou prototípico, considere as situações correspondentes ao período hipotético propriamente dito, ou seja, construções em que se evidencia nitidamente a relação entre a prótase ou condição e a apódose ou consequência, associada às flexões modo-temporais de indicativo e subjuntivo. Como condicionais indiretas, considere o que denominei “usos periféricos” – construções em que a verdade da condicional pode não estar diretamente relacionada à situação da oração principal, ou pode denotar não a *condição* de que depende certo acontecimento, mas um fato suposto, real ou eventual, o que ocorre, por exemplo, nas construções com o *se* de interrogação, ou ainda, em construções em que a condição está relacionada a atos de fala implícitos na enunciação.

Destaco, a seguir, três produções – capítulos em livros organizados pelo grupo CIAD-Rio e editados pela Lucerna/RJ.

No primeiro livro, de 2003 – *Texto e Discurso : Mídia, Literatura e Ensino* (ISBN 85-86930-25-3) – escrevi o capítulo “**Processos de intensificação no discurso publicitário e a construção do ethos**”, que apresenta os resultados da pesquisa em desenvolvimento à época. Sabendo que no texto publicitário as escolhas lexicais contribuem para manifestar a direção argumentativa do discurso e recaem, quase sempre, sobre termos que supervalorizam as qualidades de P (produto anunciado), destaco os principais mecanismos responsáveis por essa intensificação, como garantia da legitimidade e credibilidade da palavra publicitária.

Para o segundo livro, de 2005, sob o título de “*Da Língua ao Discurso – reflexões para o ensino*” (ISBN 856930-45-8) escrevi, em parceria com o professor Helênio Fonseca de Oliveira, o capítulo “**O emprego de algumas**

conjunções no texto". Seguindo a orientação temática do livro, abordamos o assunto com a preocupação de apontar caminhos para um ensino mais reflexivo no estudo do emprego das conjunções.

No terceiro livro deste grupo, de 2006 – “*Estratégias de Leitura – Texto e Ensino*” (ISBN85-86930-57-1), escrevi o capítulo “**Atos (trans)locutivos no discurso da publicidade – faces e máscaras**”, em que analiso as três modalidades enunciativas e suas representações (alocutiva, delocutiva e elocutiva) no discurso da publicidade, propondo uma quarta modalidade – mista – a translocutiva. Essa quarta modalidade, que se configura como a modalidade que “atravessa” as outras (daí o emprego do prefixo “trans-” em sua nomeação) não está prevista no estudo do Modo Enunciativo de Organização do Discurso, segundo a Semiologia.

A produção que destaco a seguir é um trabalho em parceria com alguns colegas do CIAD-Rio e com o Grupo NAD (Núcleo de Análise do Discurso) da UFMG. Trata-se da tradução, com adaptação da teoria a exemplos de autores nacionais, da terceira parte da *Gramática do Sentido*, de Patrick Charaudeau – ***Grammaire des sens et de l'expression***, Hachette, 1992 e da primeira parte de sua obra teórica ***Langage et discours: Éléments de semiolinguistique***, Hachette, 1983. O grupo do Rio, sob a supervisão de tradução feita por Angela Maria Corrêa, do Departamento de Neolatinas da UFRJ, ficou responsável pela segunda parte do livro, que trata dos Modos de Organização do Discurso. O capítulo sobre o *modo enunciativo* (p.81-106) foi traduzido e adaptado por mim e pela professora Angela Corrêa. Também traduzi e adaptei, juntamente com a professora Maria Aparecida Lino, o capítulo sobre o *modo descritivo* (p.107-150).

No Brasil, o livro, editado pela Contexto (2008, ISBN 978-857244-369-2), recebeu o título de “**Linguagem e discurso, modos de organização**”, com o aval do autor, que fez o prefácio da obra. Por ser a única obra a fazer adaptação da Teoria Semiológica a textos e a autores nacionais, tem sido grande a sua receptividade e repercussão em nosso país. Trata-se, portanto, de um referencial seguro para aqueles que pretendem se iniciar nos estudos da Teoria Semiológica de Análise do Discurso.

Ainda em 2008, gostaria de mencionar o capítulo “**Operações discursivas na enunciação**”, escrito em coautoria com Aparecida Lino, no livro *Análise do discurso hoje*, v. 01, Ed. Lucerna, RJ (ISBN 978-85-209-2064-0), organizado por Gláucia Muniz Proença Lara, Ida Lucia Machado e Wander Emediato. Nesse capítulo, discutimos não só o quadro teórico metodológico da AD e a perspectiva da Semiolinguística em relação a outras correntes do discurso, como também a questão da enunciação, a identidade dos sujeitos e as representações sociais em função dos imaginários sociodiscursivos em textos.

Outro trabalho conjunto foi o capítulo que escrevi com membros do GT da ANPOLL de que faço parte. O capítulo se intitula **Perspectivas discursivo-enunciativas da abordagem do texto** e integra o livro *Linguística do Texto e Análise da Conversação*, que saiu, em 2007, pela Editora Cortez (ISBN 85-249-16267), organizado por Anna Christina Bentes e Marli Quadros Leite. Nosso GT da ANPOLL – Linguística do Texto e Análise da Conversação – propõe temáticas aos membros pesquisadores, a cada dois anos, para discussão nos congressos do grupo. Os resultados dessas investigações têm gerado publicações de interesse para os estudiosos desse campo de análise.

Em 2010, escrevi um capítulo para o livro *Análises do discurso hoje*, volume 3, Editora Nova Fronteira (ISBN 978-85-209-2380-1), organizado por Ida Lucia Machado e Renato de Mello. O capítulo intitula-se “**A felicidade do homem é: eu quero; a felicidade da mulher é: ele quer – Machismo/Feminismo: visões de mundo e a construção de identidades**”. Neste trabalho, cujo título remonta a uma frase colhida em um texto de 1914, da *Revista da Semana*, procuro mostrar como se constroem as identidades social/discursiva, destacando que essas identidades são muitas vezes distorcidas por estereótipos sobredeterminados por ideologias historicamente dominantes – “o machão brasileiro”, “o amante latino”, “a mulher do lar”, “a mulher fácil” etc.

Destaco, a seguir, um capítulo que escrevi, em 2012, para o livro *Língua Portuguesa aspectos linguísticos, culturais e identitários*, organizado por Neusa Barbosa (ISBN 978-85-283-0442-8). Esse livro compõe a coleção “Língua Portuguesa” editada pela Educ e pelo IP-PUC/SP. O capítulo se intitula “**A**

identidade cultural da brasileira pelo viés das cariocas: modos e modas".

O texto prende-se à análise de questões culturais e identitárias ligadas à imagem da mulher brasileira, no caso, da carioca. É uma temática com a qual venho trabalhando desde a minha pesquisa de Pós-Doutorado, com ênfase à questão das representações sociais, da corporalidade, dos arquétipos e dos estereótipos.

O capítulo seguinte, de 2013, está no livro *Imagem e Discurso*, organizado pelas professoras Ida Lucia Machado, Emília Mendes, Helcira Lima, Dylia Lyzardo Dias (ISBN 978-857758-2303). Intitula-se "***A imagem no discurso publicitário: texto verbal e não verbal podem estar em conflito?***" Nesse artigo, comento a relação de complementaridade ou de dissensão entre o texto verbal e o não verbal.

Ainda em 2013, gostaria de destacar o artigo que escrevi com as colegas Maria Aparecida Lino Pauliukonis e Lucia Helena Martins Gouvêa, da UFRJ (CIAD-RIO), de nome "***Modalização em textos midiáticos: estratégias de construção de sentido***" – publicado em 2013, vol. 2 na ALED (Revista de la Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso), em um número dedicado a homenagear o Professor Patrick Charaudeau. Nesse artigo, propomos analisar operações linguístico-discursivas presentes em textos midiáticos – notícias e reportagens de jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, e capas de revistas femininas dos séculos XIX, XX e XXI – com o propósito de observar como a análise da emergência da subjetividade contribui para a compreensão de efeitos de sentido e a consequente construção dos *ethé* dos enunciadores. Por meio da descrição das pesquisas das três autoras, apresentamos resultados que apontam para a importância do reconhecimento da modalidade enunciativa em gêneros textuais considerados como atos de discurso.

A preocupação com o ensino sempre esteve presente em minhas atividades profissionais. Assim, gostaria de mencionar o capítulo ***Coesão e coerência no texto escrito***, publicado em *1º Seminário sobre leitura e escrita – Tema: Avaliação da redação no vestibular* (ISBN 85-90535313-1-19788590531319). O capítulo foi fruto de palestra conferida no referido seminário, promovido pela PROAC-COSEAC / UFF.

Nessa linha de produção para o ensino, cito, sobretudo, os dois volumes que preparei (como coordenadora da disciplina Português 1, que versa sobre TEXTO) como material didático para o EAD/UFF – Curso de Letras à distância da UFF – Licenciatura em Português /Literaturas, em convênio com o consórcio CECIERJ.

A minha produção científica, como se pode observar, reflete o meu caminhar como professora e pesquisadora.

7. Participação em Eventos

Ao longo de minha trajetória acadêmica, tenho participado, com frequência, de inúmeros eventos internacionais e nacionais.

Essa participação se concretiza, sobretudo, pela apresentação de trabalhos que expõem o resultado das pesquisas desenvolvidas. Porém, cabe destacar, também, a minha atuação como coordenadora e mediadora de simpósios temáticos, de mesas-redondas e de seminários. Essas atividades estão devidamente relacionadas nos anexos que compõem a documentação exigida na primeira fase deste processo avaliativo.

Destaco, no entanto, a título de ilustração, duas atividades que balizam duas épocas da minha atuação profissional, uma recente e outra mais antiga.

A primeira diz respeito à minha participação na Comissão Organizadora do “II Fórum Internacional de Análise do Discurso: Discurso, Texto e Enunciação”, em homenagem ao Professor Patrick Charaudeau, realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no período de 08 a 10 de setembro de 2010. A segunda refere-se à apresentação de trabalho no “Congresso Internacional 500 anos de Língua Portuguesa no Brasil”, realizado na Universidade de Évora, no período de 8 a 13 de maio de 2000. Participei deste congresso com o apoio do Instituto Camões.

8. Considerações Finais

Procurei relatar, ao longo dessas páginas, o meu percurso profissional, desde a juventude aos dias atuais – não digo desde os tempos de estudante, pois me considero ainda estudante, sempre disposta a aprender, inclusive, com meus alunos. A eles dedico os frutos que colhi ao longo do caminho, pois meu trabalho tem sido precipuamente voltado à prática docente, norteado pela ideia de que a educação deve ser, em primeiro lugar, busca de conhecimento e desenvolvimento de habilidades e não apenas transmissão de conhecimento.

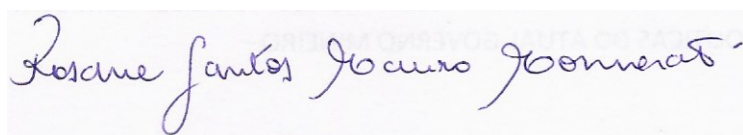
Nesse aspecto, considero que a “formação” deva ser construída menos pela acumulação de cursos ou técnicas e mais por um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas de aplicação desse conhecimento em um “saber da experiência”, passando pela inovação, pela experimentação e pela transformação.

Com esse olhar, trilhei o meu caminho de professora, pautando o meu projeto docente pela valorização da pessoa. Assim, sempre procurei ver, no aluno, o ser humano, daí a minha especial atenção a todos eles, explicando, se preciso for, a mesma coisa repetidas vezes, quando vejo que têm dificuldade, orientando nos corredores, após as aulas e atendendo com atenção, inclusive, os ex-alunos. Talvez por isso tenha recebido tantos depoimentos de reconhecimento por meu trabalho e homenagens em formaturas.

Considero que trabalhar com o ensino de língua portuguesa ultrapassa conceituar simplesmente o que é certo e o que é errado; deve ser, antes de tudo, desenvolver a competência comunicativa de nossos alunos, levando-os a compreender o funcionamento da língua hoje e no passado, capacitando-os para a decodificação de sentidos em textos dos mais variados tipos e gêneros. Penso ter conseguido formar essa mentalidade em meus alunos, muitos dos quais, ex-orientandos, já são meus colegas aqui na UFF e outros, professores da rede federal, estadual, municipal e privada de ensino.

Essa memória procura, portanto, espelhar a minha trajetória profissional. Acredito que as atividades acadêmicas aqui relacionadas podem-se alinhar ao perfil sugerido para um Professor Titular da Universidade Federal Fluminense.

Concluo, portanto, essa exposição com a convicção de ter desenvolvido um trabalho profícuo nesses 32 anos de atuação na Universidade Federal Fluminense, participando das diferentes atividades de ensino na Graduação, na Pós-Graduação *stricto sensu* – Mestrado e Doutorado – e na Pós-Graduação *lato sensu* – Especialização em Língua Portuguesa, além de desenvolver projetos de pesquisa e atividades de extensão, graças às oportunidades a mim oferecidas pela Universidade e ao apoio e incentivo de muitos colegas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFF.



Rosane Santos Joazeiro Joazeiro

9. Anexos

9.1 Documentos mencionados no Memorial (A1 a A36)

9.2 Currículo Resumido 2015